

CRISE ÉTICA

Na reta final do mandato do presidente Lula, o Banco Central começa a baixar os juros e o Tesouro a autorizar investimentos em todo o país, soprando nas velas do governo o vento das urnas

Daniel Ferreira/CB/4.10.05

Economia - Brasil



Carlos Moura/CB/23.8.05



“
NAS ATUAIS CIRCUNSTÂNCIAS,
O LULA GANHA A ELEIÇÃO
”

Eduardo Suplicy (PT-SP), senador

“
O CRESCIMENTO DA ECONOMIA É SUFICIENTE
PARA REELEGER O PRESIDENTE
”

Delfim Netto (PMDB-SP), deputado federal

ECONOMIA EMPURRA REELEIÇÃO

UGO BRAGA

DA EQUIPE DO CORREIO

Estudioso do comportamento dos eleitores norteamericanos em eleições presidenciais, o cientista político Edward Tufte descobriu e batizou em 1978 um padrão a que chamou de ciclos eleitorais. Por ele, políticos do governo tendem a estimular a economia nos períodos próximos às eleições. Fazem isso porque sabem que o público costuma premiar o governante se ele garantir prosperidade, da mesma forma que o punem quando há recessão.

Se observasse o Brasil neste final de 2005, Tufte poderia atestar sua teoria. Pois na reta final do mandato do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, o Banco Central começa a baixar os juros e o Tesouro a realizar gastos país a fora, soprando nas velas do governo o vento da reeleição. Segundo observadores experimentados co-

mo o ex-ministro e deputado Delfim Netto (PMDB-SP), a economia reelegerá Lula até com certa facilidade no ano que vem. Campeão de votos em São Paulo, o senador Eduardo Suplicy (PT) concorda. “Na atual circunstância, acho que ele ganha.”

Delfim escora sua opinião nos números mais recentes da conjuntura econômica. A taxa de desemprego medida pelo IBGE caiu de 11,4% para 9,4% da população economicamente ativa entre agosto de 2004 e agosto deste ano. Tudo porque o Produto Interno Bruto (PIB) vem crescendo há oito trimestres seguidos, acumulando uma ampliação de 9,2% neste período.

Agora que a produção dá os primeiros sinais de cansaço, o Banco Central começou a reduzir os juros. O mercado financeiro espera que os atuais 19,5% anuais caiam para 16% no próximo ano. Há quem diga que o BC planejou meticulosamente o ca-

NÚMEROS AMIGOS PARA LULA

	2004	2005*	2006*
PIB (% ao ano)	4,9	3,3	3,5
Inflação (IPCA, em % ao ano)	7,6	5,2	4,6
Desemprego (% da PEA)	9,6	9,4**	—
Juros (Taxa Selic, % ao ano)	17,7	18,0	16,0
Dólar (média anual, em R\$)	2,9	2,5	2,5

* Previsão

** Agosto de 2005, último dado disponível

Fontes: Ipea / Banco Central / IBGE

lendário monetário, de modo que o custo do dinheiro começasse a cair justamente na antecâmara da eleição.

De acordo com os economistas dos bancos, a estratégia parece ter dado certo, visto que a inflação está controlada – espera-se 4,6% em 2006 – e já se vislumbra um crescimento de 3,5% no ano que vem.

“Olha, é mais do que suficiente para reeleger o Lula”, aposta Delfim. “Acho que o PIB vai crescer até mais do que andam falando, vai dar uns 4,5%”, estima.

O número é mágico para um presidente candidato à reeleição. Especialistas no mercado de trabalho dizem que um crescimento de 3,5% absorve todos os jovens

que começam a pegar no batedor, mas não o estoque de mão-de-obra. Acima disso, entretanto, a indústria e o comércio começam a contratar quem estava sem trabalho há tempos. O desemprego cai ainda mais. O ânimo do eleitorado volta-se beneplácito ao governante.

Especialista em comunicação política, o jornalista Mário Rosa enxerga caminhos para uma futura campanha de Lula pela reeleição, do ponto de vista do marketing. “Eleição presidencial é ganha por quem domina o debate. Qual vai ser o tema do ano que vem? Se for economia, ele não precisa nem se preocupar. A crise ética? Se não aparecer nada comprometedora até lá, (Lula) pode dizer que foi investigado por três CPIs ao mesmo tempo e não acharam nada contra ele. Poderá dizer também que foi traído, mas cortou na carne, demitiu os principais auxiliares, inclusive seu ministro mais poderoso, o Zé Dirceu.”

Na oposição ainda não há sinal claro de como será o combate à candidatura Lula. Mais técnico dos analistas, o prefeito do Rio, César Maia (PFL), desconfia da ajuda que a economia pode dar ao petista. Quando seu blog estava em atividade, há poucas semanas, postou artigo para argumentar que a economia só exerce papel preponderante se estiver num pico de atividade ou em recessão. Ou seja, muito bem ou muito mal. A meia bomba, diz ele, não ajuda nem atrapalha. Ainda assim, não menciona um ponto fraco além da crise política.

O PSDB, principal partido de oposição, perdeu o discurso econômico para o presidente e ainda por cima tem excesso de pré-candidatos – o prefeito paulistano José Serra e os governadores paulista, Geraldo Alckmin, e mineiro, Aécio Neves. Por ora, eles se digladiam para saber quem enfrentará Lula, mas sem emitir sinais de como pretendem fazê-lo.